



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Sala Paulo VI

Quarta-feira, 8 de janeiro de 2025

[Multimídia]

O texto a seguir inclui também as partes não lidas que são igualmente consideradas como pronunciadas:

Catequese. Os mais amados pelo Pai. 1

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Desejo dedicar esta e a próxima catequese às *crianças* e refletir sobre o flagelo do *trabalho infantil*.

Hoje sabemos dirigir o olhar para Marte ou para mundos virtuais, mas temos dificuldade em fitar nos olhos uma criança que foi deixada às margens e que é explorada e abusada. O século que gera inteligência artificial e concebe existências multiplanetárias ainda não fez as contas com o flagelo da infância humilhada, explorada, mortalmente ferida. Pensemos nisto.

Antes de mais, perguntemo-nos: que mensagem nos transmite a Sagrada Escritura sobre as crianças? É curioso notar como a palavra que mais se repete no Antigo Testamento, depois do nome divino de Javé, seja a palavra *ben*, ou seja, “filho”: quase cinco mil vezes. «Os filhos (*ben*) são bênçãos do Senhor, os frutos do ventre, um mimo do Senhor» (Sl 127, 3). Os filhos são uma dádiva de Deus. Infelizmente, esta dádiva nem sempre é tratada com respeito. A própria Bíblia

conduz-nos nos caminhos da história onde ressoam os cânticos de alegria, mas onde se erguem também os gritos das vítimas. Por exemplo, no livro das Lamentações, lemos: «A língua do menino do peito colou-se ao seu paladar por causa da sede. As crianças reclamam pão, e não há quem lho reparta» (4, 4); e o profeta Naum, recordando o que tinha acontecido nas antigas cidades de Tebas e Nínive, escreve: «Os seus filhos foram esmagados nas esquinas das ruas» (3, 10). Pensemos em quantas crianças estão, hoje, a morrer de fome e de miséria, ou dilaceradas por bombas.

Também sobre Jesus recém-nascido irrompe imediatamente a tempestade da violência de Herodes, que massacra as crianças de Belém. Um drama sombrio que se repete de outras formas na história. E eis, para Jesus e seus pais, o pesadelo de se tornarem refugiados num país estrangeiro, como acontece também hoje a tantas pessoas (cf. *Mt* 2, 13-18), a tantas crianças. Passada a tempestade, Jesus cresce numa aldeia nunca mencionada no Antigo Testamento, Nazaré; aprende o ofício de carpinteiro do seu pai legal, José (cf. *Mc* 6, 3; *Mt* 13, 55). Assim «o Menino crescia e robustecia-Se, enchendo-Se de sabedoria, e a graça de Deus estava com Ele» (*Lc* 2, 40).

Na sua vida pública, Jesus andava a pregar pelas aldeias juntamente com os seus discípulos. Um dia, algumas mães aproximam-se d'Ele e apresentam-lhe os seus bebés para que os abençoe; mas os discípulos repreendem-nas. Então Jesus, rompendo com a tradição que considerava a criança apenas como um objeto passivo, chama os discípulos para junto de si e diz: «Deixai vir a Mim os pequeninos não os impeçais, pois deles é o reino de Deus». E assim, aponta os pequenos como modelo para os adultos. E acrescenta solenemente: «Em verdade vos digo: quem não receber o reino de Deus como um menino não entrará nele» (*Lc* 18, 16-17).

Numa passagem semelhante, Jesus chama uma criança, coloca-a no meio dos discípulos e diz: «Se não voltardes a ser como as criancinhas, não podereis entrar no reino dos céus» (*Mt* 18, 3). E depois adverte: «Mas se alguém escandalizar um destes pequeninos que creem em Mim, seria preferível que lhe suspendessem em volta do pescoço uma mó de moinho, das movidas pelos jumentos, e o lançassem nas profundezas do mar» (*Mt* 18, 6).

Irmãos e irmãs, os discípulos de Jesus Cristo nunca deveriam permitir que as crianças sejam negligenciadas ou maltratadas, que sejam privadas dos seus direitos, que não sejam amadas e protegidas. Os cristãos têm o dever de prevenir com empenho e de condenar com firmeza as violências ou os abusos contra os menores.

Ainda hoje, em particular, são demasiadas as crianças obrigadas a trabalhar. Mas uma criança que não sorri, uma criança que não sonha, não poderá conhecer nem fazer desabrochar os seus talentos. Em toda a parte do mundo há crianças exploradas por uma economia que não respeita a vida; uma economia que, ao fazê-lo, queima a nossa maior reserva de esperança e de amor. Mas as crianças ocupam um lugar especial no coração de Deus, e quem causa dano a uma criança

terá de prestar contas a Ele.

Queridos irmãos e irmãs, quem se reconhece filho de Deus, e especialmente quem é convidado a levar a boa nova do Evangelho aos outros, não pode permanecer indiferente; não pode aceitar que as meninas e os meninos, em vez de serem amados e protegidos, lhes seja roubada a sua infância, os seus sonhos, vítimas da exploração e da marginalização.

Peçamos ao Senhor que nos abra a mente e o coração ao cuidado e à ternura, e que cada menino e cada menina possa crescer em idade, sabedoria e graça (cf. *Lc 2, 52*), recebendo e dando amor. Obrigado.

Saudações:

Caros peregrinos de língua portuguesa, a todos vós dou as minhas cordiais boas-vindas. Lembrai-vos sempre que as crianças são esperança. Protegeei o seu sorriso, que é uma das mais lindas manifestações da ternura de Deus. Que o Senhor vos abençoe!

Resumo da catequese do Santo Padre:

Dedico às crianças esta catequese e a próxima, refletindo em particular sobre a chaga do trabalho infantil. Na Sagrada Escritura, a palavra “filho” é o segundo vocábulo mais usado. Os filhos são um dom de Deus, mas infelizmente nem sempre assim considerados. Fazem-se tantos progressos, porém ainda não se resolveu o drama da infância humilhada, explorada, abusada e ferida de morte. Jesus, por seu lado, apresentava as crianças como modelo dos adultos: «Se não voltardes a ser como as criancinhas, não podereis entrar no Reino do Céu» (*Mt 18, 3*). Como discípulos de Cristo, saibamos nós condenar todo o tipo de violência sobre os menores, zelando pelos seus direitos, amando-os e protegendo-os.